

Autoria feminina nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)

Júlia Araujo Avilar Amancio Universidade de Brasília. araujo.lia13@gmail.com

Elizabeth del Socorro Ruano Ibarra. Universidade de Brasília. elizabeth@unb.br

Resumo

O presente trabalho analisa os dados resultantes da pesquisa sobre a participação feminina nos encontros anuais da ANPOCS, realizados entre 1977 a 2016. A análise dos anais desses eventos, disponíveis no acervo eletrônico dessa instituição, esteve orientada pelos seguintes questionamentos: Qual o lugar do debate sobre metodologia das Ciências Sociais nesses eventos? Quem são os sujeitos que dinamizaram esses debates? Qual a proporcionalidade da autoria feminina? A análise em chave mista, quantitativa e qualitativa, inspirou-se conceitualmente nos debates sobre gênero na produção do conhecimento social. Se conclui que, apesar de o contingente feminino ser menor, tanto na autoria quanto na função de coordenação, essa presença se incrementou gradualmente e incidiu na consolidação de algumas temáticas nos eventos em questão.

Palavras-Chave: Gênero; Feminismo; ciências sociais; Brasil.

Female authorship at the annual meetings of the National Association of Graduate Studies and Research in Social Sciences (ANPOCS)

Abstract

This work analyzes the data resulting from the research on the annals of the ANPOCS annual meetings, held between 1977 and 2016, available in the electronic collection of this institution. The analysis was guided by the following questions: What is the place of the debate about methodology of Social Sciences in these events? Who are the subjects that stimulated these debates? What is the proportionality of female and male authorship? The mixed quantitative and qualitative analysis was conceptually inspired by the debates about gender and the production of social knowledge. It is concluded that, although the male contingent is larger both in the authorship and in the positions of coordination, the female presence has gradually increased and focused on the consolidation of some themes in the agenda of the events in question.

Key Words: Gender, feminism, social sciences, Brazil.

Introdução

A pesquisa que produziu os dados aqui analisados teve como ponto de partida a constatação de uma acentuada ausência de referências bibliográficas de autoria feminina nos programas de ensino de metodologia das ciências sociais¹, fato social que sugere a influência do que Grosfoguel (2016) conceituou como sexismo epistêmico. Essa noção refere a supervalorização dos valores masculinos/brancos/ocidentais no estabelecimento dos parâmetros sobre os quais se ampara a produção científica hegemônica. Essa hierarquização dos sujeitos epistêmicos legitima a desqualificação daqueles que fogem deste eixo sectário de pensamento.

Para Queiroz (1999), o engajamento em pesquisa se associa, de forma profunda, a questões que atraem o interesse do sujeito de conhecimento, embora muitas vezes inconscientemente. Nosso incomodo diante das práticas sexistas no campo científico ganhou novos contornos a partir do feminicídio contra a estudante Louise Ribeiro nas dependências da Universidade de Brasília, em 2016. Esse crime estimulou mobilizações em diferentes frentes, a nossa voltada para promover a desnaturalização do silenciamento e injustiça epistêmica com a autoria feminina nos programas das disciplinas no ensino universitário.

Este artigo problematiza o lugar da autoria feminina no debate sobre a metodologia das ciências sociais a partir da análise dos anais das reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), realizadas entre 1977 e 2016. Se destaca o protagonismo legítimo de ANPOCS na institucionalização e divulgação desse campo disciplinar no Brasil (ANPOCS, s/d; OLIVEIRA e NICOLAU, 2013). De outro lado, se enfatiza o pioneirismo dessa temática junto com outros critérios operacionais que viabilizaram a pesquisa em questão.

ANPOCS é uma instituição prestigiada perante a comunidade acadêmica, devido a importância da sua missão² e solidez institucional. Também é reconhecido o impacto,

¹ Toma-se como ponto de partida a disciplina Introdução ao Método das Ciências Sociais, obrigatória para os cursos de graduação em Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Ciência Política, e optativa para outros, na Universidade de Brasília. Cabe citar os empecilhos enfrentados atentando para o chamado de Wallerstein (1996) sobre a importância da diversificação do conhecimento considerando produtores marcados por conotações de sexo, raça e etnia. A revisão bibliográfica inicial que buscou pluralizar a ementa dessa disciplina esbarrou com a dificuldade para encontrar textos metodológicos produzidos por mulheres, excetuando as contribuições da coletânea organizada por Nunes (1978).

² “Promover o ensino, a pesquisa e a divulgação de conhecimento científico nacional na área das ciências sociais, articulando a produção da comunidade acadêmica com a agenda de questões em debate no Brasil e fora dele” (ANPOCS, s/d).

periodicidade e assiduidade dos seus principais veículos de divulgação de conhecimento em ciências sociais, dentre eles os encontros anuais, os anais, a revista³, o portal de periódicos eletrônicos e o *site*⁴ (MADEIRA, 2014. p. 39). A escolha dos anais como fonte empírica de pesquisa justifica-se pela sua disponibilidade *online* e gratuita. Essa apropriação de redes eletrônicas para divulgar conteúdo acadêmico é relativamente recente e ganhou expressiva expansão nas últimas décadas do século 20.

Criada em 1977, a ANPOCS “reúne mais de uma centena de centros de pós-graduação e de pesquisa em antropologia, ciência política, relações internacionais e sociologia no Brasil. Diferentemente de outras associações científicas, é composta por sócios institucionais e não por pesquisadores individuais”. Entre os afiliados, “mais de 1200 professores universitários e pesquisadores, profissionais de alto nível, além de milhares de estudantes de mestrado e doutorado em centros localizados de norte a sul do país”. ANPOCS representa, lidera e apoia à consolidação institucional das ciências sociais e sua respectiva agenda de pesquisa (ANPOCS, s/d).

Para as ciências sociais contemporâneas, a ANPOCS “*representa uma expressiva parcela da inteligência e da intelectualidade brasileiras. Tendo a capacidade de lançar mão de um amplo conhecimento acumulado sobre as mais variadas questões locais, regionais, nacionais e internacionais a partir de pesquisas e reflexões baseadas em diferentes pontos de vista disciplinares*” (ANPOCS, s/d). Desde 1977 esses encontros reuniram aproximadamente duas mil pessoas, constituindo um espaço privilegiado de debate e divulgação de conhecimento entre pesquisadores nacionais e estrangeiros. A periodicidade anual dessas reuniões lhes imprime um dinamismo que visa acompanhar as trajetórias e tendências da pesquisa social.

De outro lado, a apresentação de manuscritos nas reuniões de ANPOCS é habilitada mediante avaliação cega, denota a centralidade dos critérios de cientificidade. Questionar sobre a autoria feminina nesses espaços torna-se relevante diante da relativa carência de contribuições nesse recorte temático. Segundo Betina Lima e Conceição Costa (2016. p. 5 e 8), “*a linha de pesquisa de gênero e ciências foi destacada na quarta chamada (2012) [do Programa Mulher e Ciência⁵] como um tema prioritário*”. As autoras destacam

³ Revista brasileira de ciências Sociais (RBCS) foi inaugurada em junho de 1986, é considerada um dos principais veículos de divulgação acadêmica do Brasil.

⁴ <http://anpocs.com/>, acesso em agosto de 2017.

⁵ “O Programa Mulher e Ciência foi lançado em 2005, a partir do trabalho realizado por um grupo interministerial composto pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Educação (MEC), dentre outros participantes. Objetivos do programa: estimular a produção científica e a

ainda que dita priorização temática esteve “*imersa na disputa entre as prioridades institucionais de cada parceiro*”. Desses constrangimentos em torno à criação dessa linha de fomento se infere o referido sexismo epistêmico e o caráter patriarcal na gestão dos investimentos públicos em ciência e tecnologia no Brasil.

Para Flavia Biroli (2016), os noticiários brasileiros sub representam a participação feminina na política fato que se configura como tipicamente político pois, revela a reprodução de estereótipos de gênero na atualidade. A retórica midiática reproduz padrões de gênero cristalizados historicamente, no sentido de garantir a permanência das mulheres da esfera doméstica. Nos discursos midiáticos o uso de adjetivos torna-se eficaz para reforçar imagens estereotipadas associadas a maternidade e/ou sexualização dos seus corpos. Na trilha de Biroli buscamos frisar que o silenciamento e invisibilização agenciados pelos veículos midiáticos sobre a tímida, porem existente incursão feminina na política partidária, não se restringe a esse campo.

A literatura constata que as mulheres têm contribuído com a consolidação das ciências sociais brasileiras, dentre elas Maria Isaura de Queiroz (1999) quem nos ensinou sobre o lugar da própria biografia como fator de inquietação e motivação na construção dos problemas de pesquisa. A busca pelo reconhecimento dos aportes femininos reflete ativismo político orientado a ressignificar-se como sujeito epistêmico. No início do século 20, a busca por nomeações em cargos de chefia na ciência, no âmbito das mobilizações femininas em prol da inserção no mercado de trabalho, desdobrou-se em embates que revelaram tensionamentos das estruturas patriarcais (SOMBRIIO, LOPES e VELHO, 2008).

Desvendar que tais disputas não são alheias à produção de conhecimento social implica em evidenciar que as “relações desiguais, simbologias e estereótipos de gênero foram incorporados e reproduzidos nas práticas e instituições científicas” (LOPES e SOMBRIIO, 2017. p. 2). Sob este prisma há que se desnaturalizar a ideia de que o âmbito acadêmico está imune a tais contradições e avançar na compreensão das especificidades do fenômeno e das práticas que o atualizam.

Bourdieu (1997), em sua análise do campo científico enfatizou que o prestígio acadêmico não se contenta no aproveitamento dos resultados de pesquisa, mas no reconhecimento pessoal de quem postulas seus achados e inovações amparadas em preceitos

reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismos no País; promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas”. Fonte: Site CNPq. Link: <http://cnpq.br/apresentacao-mulher-e-ciencia>. Acesso em 25/11/2017 às 12:05.

reconhecidos por seus pares. Embora a distância epistêmica e política desse autor com o debate que buscamos propor aqui, sua contribuição é fundamental para destacar a produção científica enquanto arena de disputas pelo prestígio. Este último é determinante pelo seu potencial para traduzir-se em verbas e outros recursos indispensáveis para a vitalidade da trajetória profissional.

Os dados apresentados se obtiveram da pesquisa que objetivou a realização de um levantamento documental, por meio de consulta aos anais disponíveis no acervo eletrônico dessa instituição. Neste artigo a análise se orienta pelos seguintes questionamentos: qual o lugar do debate sobre metodologia das Ciências Sociais nesse cenário? Quem são as pesquisadoras que ocuparam esses espaços promovidos pela ANPOCS nos últimos 40 anos no Brasil? Para tanto, a partir da perspectiva de gênero busca-se evidenciar a proporcionalidade entre mulheres e homens na autoria dessa temática e na liderança dos espaços de debate como GT, sessão especial, mesa, fórum e conferências promovidos por ANPOCS.

Metodologia

A construção do problema de pesquisa iniciou a partir da reflexão sobre as vantagens analíticas de tornar ANPOCS objeto passível de ser investigado academicamente. Decidimos por uma pesquisa bibliográfica da palavra ANPOCS no catálogo de teses e dissertações da CAPES⁶, no recorte temporal 2011-2015, objetivando privilegiar pesquisas recentes. Essa busca reportou três pesquisas de mestrado (SOUSA, 2012; TROTTMAN, 2012; MADEIRA, 2014) e uma de doutorado (OLIVEIRA, 2011). Somente Sousa (2012, p. 73) tratou sobre ANPOCS como opção metodológica dado que seu caráter de “fórum relevante das Ciências Sociais no Brasil”. A partir dessa constatação, embora tímida, se infere a escassa reflexão sobre essa organização e, simultaneamente se justificou o desenvolvimento do estudo pretendido⁷.

A pesquisa privilegiou a análise documental como principal instrumento metodológico de captura de informações. O escopo dessa coleta foi constituído pelos anais das reuniões anuais de ANPOCS disponíveis em internet, documentos autênticos e confiáveis que conferem maior grau de cientificidade à investigação. A periodicidade anual dessas reuniões e dos anais incidiu no recorte empírico, 39 reuniões realizadas entre 1977 a 2016. O ano de início remete a realização do primeiro encontro promovido por ANPOCS.

⁶ <http://bancodeteses.capes.gov.br/>

⁷ ANPOCS realizou análises sobre suas reuniões “com maior detalhe desde 2007” (ANPOCS, s/db). Em contraste, nossa pesquisa delimitou um período amplo e em perspectiva comparada.

Uma das primeiras constatações na imersão inicial nesse material, entre março e abril de 2018, revelou a indisponibilidade *online* dos anais de dez anos: 1983; 1984; 1985; 1999; 2006; 2008; 2009; 2010; 2011 e 2013. Se ponderou que a carência desses documentos poderia implicar na perda de conteúdo valioso à pesquisa. Contudo, a validade dos resultados se sustenta na consulta a 29 anais, dentro de um universo de 39. Outra questão a salientar é que os anais faltantes estão distribuídos quase que simetricamente entre as quase quatro décadas analisadas. Ou seja, a partir dos documentos disponíveis é viável a construção de inferências panorâmicas sobre os debates de cada década em questão.

Adicionalmente, a análise qualitativa permite avaliar que essas reuniões adotaram uma agenda que não sofreu alterações radicais no curto prazo, de ano para ano. Esses encontros anuais objetivam contribuir para a formação qualificada e para o aprimoramento dos debates em torno da “agenda pública e acadêmica em suas dimensões econômica, política e sociocultural” nas diferentes regiões brasileiras. Nessas reuniões, “a apresentação de pesquisas [e] o intenso debate”, abrem espaços para que o conhecimento científico busque respostas para os desafios interpostos “considerando a pluralidade dos atores e segmentos sociais” dentro e fora das fronteiras nacionais (ANPOCS, s/d_a).

Na análise dos dados se adotou o critério de afunilamento temático mediante a priorização dos Grupos de Trabalho (GT) que abordaram a discussão sobre metodologia em ciências sociais como eixo principal. A adoção da categoria GT esteve orientada pela sua natureza inclusiva, pressuposto que poderia desdobrar-se em uma maior diversidade temática e de participantes. A escolha dos GT, pela organização das reuniões de ANPOCS, obedece a processos seletivos mediante edital, aqueles selecionados podem se apresentar por dois anos consecutivos.

No período em análise, entre 1977 e 2016, foram realizados um total de 197 GT entre esses há aqueles com caráter relativamente estável e outros transitórios. O primeiro caso pode ser exemplificado a partir do GT denominado Educação e Sociedade, realizado em 13 edições: 1982, 1989, 1991, 1992, 1994, 1996, 1998, 2000, 2002, 2003, 2005, 2006, 2008, 2009, 2011 e 2012. Em contrapartida, o GT intitulado Economia e Política teve apenas uma edição, no ano de 1988. O GT específico sobre metodologia das ciências sociais, também se enquadra como transitório, realizado em 1982 e 1986.

Diante desse resultado, optou-se por ampliar o recorte da pesquisa documental. Para tanto, a busca passou a analisar também os títulos das comunicações e das diversas atividades - GT, mesas de debate, fóruns, conferências, seminários, sessões especiais e simpósios- realizadas no período entre 1990 e 2016. Verificou-se quais desses títulos

continham as palavras chave “método” ou “metodologia”. Posteriormente, dentro daqueles que se encaixaram na delimitação citada, se verificou aqueles de autoria feminina. Houve a necessidade de incluir na revisão as ementas das diversas atividades, pois a procura nos títulos dos anais a partir do ano de 2007, não reportou resultados. Diante da constatação de ausência de trabalhos cujo título reporta-se a presença das palavras chaves priorizadas optamos por incluir as ementas das diversas atividades em dita revisão documental.

A fim de sistematizar os dados obtidos, foi construída uma matriz *Excel* a qual incorporou as seguintes categorias de análise: a) temporal – ano pesquisado-; b) tipologia do espaço – GT, sessão especial, mesa, fórum e conferência-; c) vínculo institucional da(o) autora, d) gênero da(o) autora inferido a partir do nome do participante; e) temática do manuscrito apresentado - título do trabalho publicado e f) gênero do/da coordenador (a) dos diferentes espaços seja GT, sessão especial, mesa, fórum ou conferência.

Lançar um olhar atento à autoria e participação feminina em espaços de prestígio acadêmico como ANPOCS, implica endossar a luta das cientistas sociais por equidade e posicionar-se politicamente diante das assimetrias do campo acadêmico. Haraway (2009) pondera sobre a necessidade de compreender o objeto de pesquisa não apenas como um ente passivo, mas no dinamismo das diversas facetas, ora como substrato, ora como agente. Essa tomada consciente de uma posição, amparada pelo conjunto de conhecimentos científicos e por aqueles oriundos da experiência individual e particular (Queiroz, 1999) contribuem adensando a compreensão do fenômeno.

Resultados

Nesta seção se contrastam os dados sobre a participação feminina tanto na autoria das comunicações quanto nos cargos de coordenação nas reuniões anuais de ANPOCS. Conforme Maria Isaura Queiroz (1999: 13), “todo indivíduo encerra uma parte que é particularmente sua e uma parte que foi insuflada pelo seu meio; partes que sempre se interpenetram, mas que ora estão em harmonia, ora em oposição”. Isto é, analisar essas reuniões em chave de gênero implica estranhar rotinas e práticas, de certo modo, naturalizadas por nós. Por exemplo, não raro, as cientistas sociais se ressentem da ausência de serviços de cuidado de crianças e de infraestrutura como fraldários ou banheiros familiares nos eventos científicos. Essas carências revelam inequidades de gênero que operam como empecilhos intransponíveis para quem precisa ‘conciliar’ percurso acadêmico e vida familiar.

Bourdieu (1997), embora seu espoco de reflexão tenha ficado distante do debate sobre gênero, alertou sobre a relevância do reconhecimento dos pares na consolidação do prestígio acadêmico. Essa consideração revela a dimensão política e relacional da atividade intelectual complementada, é claro, pelo caráter formal ou teórico-metodológico. Nesse sentido, justifica-se a comparação da distribuição por gênero da autoria e a ocupação da função de coordenação de GT, mesas de debate, fóruns, conferências e/ou sessões especiais voltadas para a reflexão sobre a metodologia das ciências sociais brasileiras.

Autoria feminina no debate sobre metodologia das ciências sociais

Neste subtítulo, o intuito é visibilizar a autoria feminina nos debates sobre metodologia nas reuniões anuais de ANPOCS. A análise revelou a realização de três GT específicos sobre metodologia das Ciências Sociais⁸, nos anos de 1982, 1986 e 1989⁹. Esses GT receberam 22 comunicações, de autoria de 24 pessoas, os dois primeiros anos receberam nove e dez, respectivamente, e o terceiro ano três artigos (Quadro 1). Foram diversas as temáticas dos trabalhos apresentados e as instituições de origem das autoras e autores respectivos, aqui somente se informará o vínculo institucional quando reportado nos anais em estudo.

A indagação sobre a representatividade da autoria feminina nesses GT mostra a participação de dez mulheres, Maria Helena Henriques, Márcia Bandeira (IBGE), Clarissa Eckert Baeta Neves (UFRGS), Célia Braga (UFBa), Elizabeth Balbechewsky (IDESP), Judith Muzinsky (IDESP), Tereza Haguette (NUDOC/UFCe), Maria Célia M. de Moraes (UFF), Tânia Dauster (PUC-RJ) e Tânia Dauster (PUC-RJ). Houve apenas um autor que participou em dois desses GT, Marcus Faria Figueiredo, indicando a rotatividade na autoria e na função de coordenação que, esteve a cargo de homens em duas das três oportunidades.

Em 1982 houve apenas um trabalho de autoria feminina, seis e três em 1986 e 1989, respectivamente, representando aproximadamente 40% do total de comunicações que trataram sobre metodologia das ciências sociais. A singularidade do último ano esteve marcada pelo caráter feminino do GT, tanto na coordenação quanto na autoria das comunicações apresentadas, em que pese o menor número, além de ser o derradeiro no âmbito das reuniões

⁸ O livro de ANPOCS (2016) informa que entre 1982 e 1986 houve um total de cinco GT discutindo essa temática, porém somente tivemos acesso aos dados de três GT.

⁹ Cabe destacar que a década de 1980 demarcou a consolidação da ANPOCS, criada em 1977. Esse período também é conhecido pela redemocratização, fenômeno que impactou significativamente a agenda das ciências sociais brasileiras.

anuais de ANPOCS. Esses indicadores quantitativos sobre a autoria feminina poderiam ser entendidos como pouco significativos. No entanto, tornam-se relevantes qualitativamente pois alertam para a riqueza temática enquanto diferencial da contribuição feminina aos debates de cada GT.

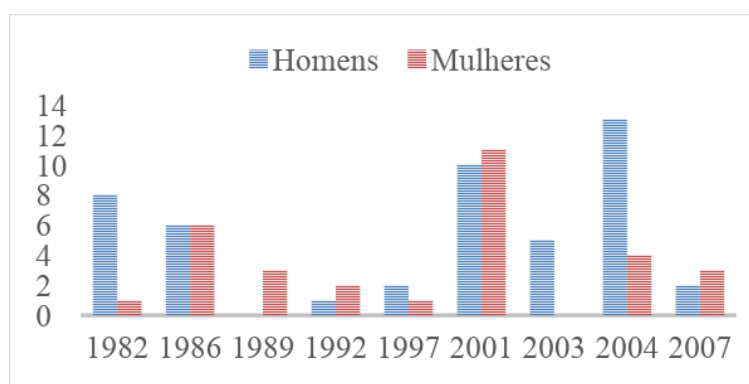
Quadro 1. GT específicos sobre metodologia das ciências sociais: 1982, 1986 e 1989

Ano/Coordenação	Autoria	Trabalho
1982 Nelson do Valle e Silva	Marcus Figueiredo (IDESP)	Modelos de equações estruturais.
	Cesar Marcelo Baquero	Participação política no equador: um modelo causal.
	Nelson do Valle e Silva	Modelos log-lineares para análise de tabelas de contingência.
	Luís Torres Melo	Análise de séries históricas - algumas técnicas recentes.
	Plínio Dentzien	Dimensões de avaliação política do eleitorado, uma análise quantitativa das eleições de 1978.
	Amaury de Souza	Pesquisas eleitorais.
	Maria Helena Henriques	Técnicas indiretas de mensuração em pesquisas demográficas.
	Edmundo Campos Coelho	Aumentando a resposta em “ <i>Surveys</i> ”.
	Hélio Lima Magalhães	A microinformática e a pesquisa social.
1986 Marcus Figueiredo Faria	Márcia Bandeira (IBGE)	Pós-Graduação na UFRJ e Museu Nacional
	Nelson Silva (Lee/CNPq)	
	Geraldo Magalhães (UFMG)	Pós-Graduação na UFMG.
	Clarissa Baeta Neves (UFRGS)	Pós-Graduação na UFSCa e UFRGS: um estudo comparado.
	Roberto Mota (UFPe)	Pós-Graduação na UFPe.
	Célia Braga (UFBa)	Ensino de metodologia numa perspectiva comparada.
	Teóphilos Rifiotis (UFPb)	Pós-Graduação na UFPb.
	Marcus Figueiredo (IDESP)	O ensino de metodologia nos programas de pós-graduação em ciências sociais: uma visão comparada e crítica.
	Marcelo Baquero (UFRGS)	Construção de teoria e análise de <i>survey</i> .
	Elizabeth Balbechewsky (IDESP) Judith Muzinsky (IDESP)	Surveys eleitorais (1974-1982): nível de comparabilidade dos questionários.
1989 Zélia de Brito Fabri Demartini (Fundação Carlos Chagas/ UNICAMP)	Tereza Haguette (NUDOC/UFCE)	Reflexões sobre o racionalismo e o empirismo: uma perspectiva qualitativa.
	Maria Célia de Moraes (UFF)	O objeto da História e sua dupla problemática: ontológica e metodológica.
	Tânia Dauster (PUC-RJ)	Relativização e educação - Usos da antropologia na educação.
	Tânia Dauster (PUC-RJ)	Deficiência, estigma, escola - um estudo qualitativo.

Após constatar a delimitação desses três GT específicos, realizados durante a década de 1980, optamos por ampliar o recorte inicial previsto para a análise documental. Nessa ampliação, foram incluídos para análise os títulos de todas as comunicações apresentadas em GT, mesas de debate, fóruns, conferências, seminários, sessões especiais e simpósios nas décadas de 1990 e 2000. A análise de conteúdo voltada para os títulos foi realizada a partir das palavras chave “método” ou “metodologia” e, posteriormente, verificou-se a autoria feminina dentro daquelas comunicações que se encaixaram nessa delimitação.

Esse novo recorte revelou 70 comunicações, 29 foram de autoria feminina, representando 41,4% do total. Esse indicador quando comparado com 40% alcançada na década de 1980 permite apontar a constante presença das mulheres nas reuniões de ANPOCS.

Gráfico 1: Participação masculina e feminina no debate sobre metodologia: encontros da ANPOCS 1977 a 2016



A análise pormenorizada da autoria feminina nos anos 90 revela os nomes inéditos, no âmbito de ANPOCS, de três mulheres. O GT intitulado Educação e Sociedade, realizado em 1992, incluiu uma sessão voltada à análise de abordagens metodológicas. As autoras Maria Célia de Moraes (UFF) e Fernanda Sobral (UnB) apresentaram comunicações. Em 1997, foi realizada uma mesa redonda, intitulada “Ciências Sociais: desafios teóricos-metodológicos no final do século XX”, composta por quatro cientistas, apenas uma mulher, Elizabeth Jelin (CONICET).

Em 2001, houve a realização de uma conferência, com a participação de Alice Rangel de Paiva Abrel (CNPq) e uma mesa redonda que contou com a participação exclusiva de seis homens. Nesse ano também se realizou o seminário temático intitulado “a antropologia e seus métodos: o arquivo, o campo, os problemas” que reuniu 6 comunicações de autoria feminina, sendo as autoras Cecília McCallum (UFBA), Christiane de Alencar

Chaves (UFPR), Denise Pirani (UNICAMP), Fabíola Rohden (UERJ), Fernanda Arêas Peixoto (UNESP/Araraquara), Tânia Stolze Lima (UFF), conforme o seguinte quadro.

Quadro 2. Autoria feminina no seminário temático “antropologia e seus métodos: o arquivo, o campo, os problemas” - 2001.

Coordenação	Autora	Título
Márcio Goldman (UFRJ) e Emerson Alessandro Giumbelli (UFF)	Cecília McCallum (UFBA)	O saber antropológico e a totalidade nos fatos sociais.
	Christiane de Alencar Chaves (UFPR)	Pesquisando o MST: dilemas inquietantes, desafios promissores.
	Denise Pirani (UNICAMP)	Do campo ao texto, do objeto ao sujeito.
	Fabíola Rohden (UERJ)	Antropologia, história e gênero.
	Fernanda Arêas Peixoto (UNESP/Araraquara)	O diálogo como forma.
	Tânia Stolze Lima (UFF)	Os males da floresta.

Nesse ano também se reportou o seminário temático “a contribuição dos métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade social no Brasil”, coordenado por Neuma Aguiar e Archibald Haller, ambos lotados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse seminário reuniu dez comunicações a metade de autoria feminina, Danielle Cireno Fernandes (UFPE), Elisa Lustosa Caillaux (UCAM, IBGE), Letícia Junqueira Marteleto (Michigan Univ.), Maria Celi Scalón (IUPERJ) e Neuma Aguiar. Esta última, além de coordenar o seminário apresentou uma comunicação cujo tema remete a Aguiar (1978), atualmente consolidado como referência clássica no debate sobre metodologia das ciências sociais brasileiras.

Quadro 3. Autoria feminina no debate metodológico ANPOCS 2001

Autora	Título
Danielle Cireno Fernandes (UFPE)	Raça, origem socioeconômica e desigualdade educacional no Brasil: uma análise longitudinal.
Elisa Lustosa Caillaux (UCAM, IBGE)	Mobilidade ocupacional e gênero: uma análise com dados da pesquisa de padrões de vida.
Letícia Junqueira Marteleto (Michigan Univ.)	A transição demográfica e a transmissão intergeracional de educação: uso de análise de coortes.
Maria Celi Scalón (IUPERJ)	Métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade na sociedade brasileira.
Neuma Aguiar (UFMG)	Uma análise da importância dos métodos quantitativos nas ciências sociais no Brasil nos últimos quarenta anos - com particular atenção aos estudos de estratificação e mobilidade.

Essa contribuição, Aguiar (1978), consta na obra clássica, aventura sociológica (Nunes, 1999), que versa sobre a importância metodológica na elaboração de conhecimento sociológico no Brasil. Essa coletânea, organizada por Edson Nunes, parece exemplificar a tendência que buscamos elucidar, a supremacia masculina na bibliografia que ampara o debate sobre metodologia na pesquisa social brasileira. Nesse livro, entre um total de 14 autores, além de Aguiar, foram incluídas Tânia Salem e Aspásia Alcântara Camargo, ambas lotadas na época no IUPERJ. Desse modo, nessa importante obra, a autoria feminina representou somente 21% no conjunto de autores.

Quadro 4. Autoria feminina no debate metodológico ANPOCS 2003

Autora	Título
Maria Stela Grossi Porto (UNB)	Crenças, valores, e representações sociais.
Suely Kofes (UNICAMP)	Objeto (in)definido e/ou a (in)definição do entre: desde uma pesquisa sobre a maçonaria contemporânea.
Ana Maria de Niemeyer (UNICAMP)	Preconceito, discriminação e racismo na escola pública paulistana: desafios teóricos, metodológicos e éticos de um projeto de pesquisa e interferência no processo de ensino e aprendizagem.
Lea Carvalho Rodrigues (UFC)	Trocas teóricas e metodológicas entre antropologia e aociologia sobre a temática do trabalho.

Em 2003, a pesquisa reportou a realização da sessão especial denominada “o problema epistemológico das Metodologias informacionais” que teve quatro expositores, dentre elas duas mulheres: Maria Celi Scalón (IUPERJ) e Tamara Benakouche (UFSC). Em 2004, foi realizado o seminário temático titulado “a constituição de fronteiras nas ciências sociais: tensão e extensão no campo metodológico”, coordenado por três homens e uma mulher, Maria Suely Kofes (UNICAMP). Esse seminário recebeu 12 comunicações, quatro de autoria feminina equivalente a 33% do total, conforme o seguinte quadro.

Quadro 5. Autoria feminina no debate metodológico ANPOCS 2004

Autora	Título
Corinne Davis Rodrigues (UFMG)	Vitimização criminal: uma revisão comparada de métodos e teorias nos Estados Unidos e América Latina
Andreia Soares Pinto (USP)	Desenvolvimento de metodologia de pesquisa e aplicação de pesquisa de vitimização
Keli Rodrigues de Andrade (UFMG)	Sobre a violência doméstica conjugal: uma análise longitudinal a partir de <i>survey</i> de vitimização

No ano 2007, a sessão especial intitulada “metodologia quantitativa e qualitativa da vitimização”, no âmbito do GT “vitimização: riscos objetivos e percepções do risco”, recebeu quatro comunicações das quais três de autoria feminina, como mostra o seguinte quadro.

Quadro 6. Autoria feminina no debate metodológico ANPOCS 2007

Autora	Título
Andreia Soares Pinto (USP)	Desenvolvimento de metodologia de pesquisa e aplicação de pesquisa de vitimização.
Keli Rodrigues de Andrade (UFMG)	Sobre a violência doméstica conjugal: uma análise longitudinal a partir de <i>survey</i> de vitimização.
Corinne Davis Rodrigues	Vitimização criminal: uma revisão comparada de métodos e teorias nos Estudos Unidos e América Latina.

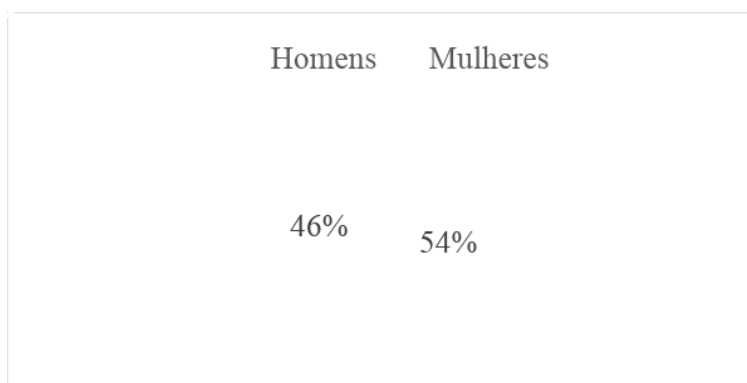
A análise documental revelou que as ementas de três GT, realizados em 2015, uma mesa redonda e uma sessão de pôsteres, ocorridas em 2016, incluíram as palavras chave metodológica e metodológico conforme o seguinte quadro. Se constata que a discussão metodológica aparece atrelada a temas relevantes do pensamento social brasileiro contemporâneo.

Quadro 7: Metodologia das ciências sociais enquanto debate transversal

Ano	Modalidade	Coordenação	Trecho da ementa
2015	GT Novas configurações do ensino superior na sociedade contemporânea.	Carlos Benedito Martin (UnB), Clarissa Eckert Baeta Neves (UFRGS)	“(…) <i>propõem também tratar os desafios teórico-metodológicos decorrentes dessas mudanças para as ciências sociais no Brasil (…)</i> ”.
	GT Pensamento social no Brasil	Antônio Herculano Lopes (FCRB), Gabriela Nunes Ferreira (UNIFESP)	“(…) <i>discute (também) as perspectivas metodológicas, estilos e instrumentos de análise dessa área de pesquisa(…)</i> ”.
	GT Teoria social no limite: novas frentes/fronteiras na teoria social contemporânea	Carlos Eduardo Sell (UFSC), Emil A. Sobottka (PUCRS)	“(…) <i>O primeiro eixo, de cunho normativo, contemplará o debate de temas epistemológicos, metodológicos, ontológicos e axiológicos(…)</i> ”.
2016	Mesa Redonda: Estudos sobre família e trabalho em contextos desiguais: desafios metodológicos.	Felícia Silva Picanço (UFRJ)	“(…) <i>nesse cenário, no entanto, o enfrentamento das questões metodológicas tem ficado mais à margem (…)</i> A mesa tem como objetivo trazer a discussão sobre categorias analíticas e sua operacionalização <i>metodológica</i> na prática da pesquisa disciplinar e multidisciplinar”.
	Simpósio: Rumos da sociologia brasileira contemporâneos	Sergio Miceli (USP), Carlos Benedito Martins (UnB)	“(…) <i>os textos de base deverão encetar uma caracterização adensada da sociologia brasileira recente, ressaltando perfis teóricos, metodológicos e empíricos</i> ”.

A revisão documental permitiu constatar a discrepância entre a autoria das mulheres e dos homens. Quando analisada a autoria feminina em valores parciais, se percebe a sub-representação. Contudo, em decorrência da participação exclusiva de mulheres em GT, que abordaram temáticas com claros marcadores de gênero, a média final da participação feminina ficou razoavelmente equilibrada como mostra o seguinte gráfico.

Gráfico 2: Autoria feminina e masculina nos debates sobre metodologia em ciências sociais: 1977 a 2016.



Dos debates sobre metodologia em ciências sociais nas reuniões analisadas, participaram 74 pesquisadores, sendo 40 (54%) homens e 34 (46%) mulheres. Vale reiterar que cada pesquisador foi contabilizado apenas uma vez, mesmo tendo atendido a mais de um encontro. Apesar desses dados quantitativos, salientam-se as inferências amparadas na análise qualitativa, por exemplo, a marcada presença de mulheres reforça a ‘feminização’ de certas agendas e temas de pesquisa que aludem a fenômenos catalogados como da esfera privada da vida, fato que erroneamente tem conduzido a associação destes à figura feminina. De outro lado, a sub-representação das mulheres em outros debates poderia reforçar os estereótipos sobre a incapacidade feminina.

Retomando a motivação inicial desta reflexão cabe lembrar que a relevância da reflexão metodológica diz respeito à vigilância epistemológica e à urgente problematização sobre os limites do conhecimento científico (Demo, 1995). A análise documental dos anais das reuniões anuais de ANPOS mostrou a ocorrência de GT específicos sobre a temática na década de 1980 e o decréscimo relativo no número de comunicações sobre o assunto na década seguinte. Nas décadas recentes, o debate metodológico ocorreu transversalmente na interfase entre teorias e instrumentos de coleta e julgamento de dados empíricos, demarcado em algumas temáticas.

Ao debate, Maria Immaculata Lopes (2004), contribui afirmando que a reflexão metodologia não se faz em abstrato como tampouco se dissociam os métodos das investigações que os fundaram. Assim, a importância da metodologia nas ciências sociais remite ao estímulo de atitude crítica diante das operações realizadas na pesquisa acadêmica. Como sabemos, esses processos são atravessados por forças, internas e externas, ao campo científico que, tensionam a acuidade do nosso ofício. Referimos principalmente, a incidência do produtivismo acadêmico que se desdobra em pressões institucionais para publicar em revistas indexadas que, pela sua parte, incrementam seus requisitos almejando alcançar indexações internacionais.

Nesse sentido, analisamos a produção declarada na plataforma de currículos Lattes¹⁰, pelas autoras identificadas na pesquisa. Essa análise consistiu em buscar as palavras chaves metodologia, métodos, metodológica e metodológico em cada currículo. Por limitações de espaço, priorizaremos aqui o resultado da análise do currículo de Clarissa Eckert Baeta Neves e de Denise Pirani. O currículo da primeira revela continuidade na temática metodológica desde 1986, quando participou com a comunicação intitulada “Pós-Graduação na UFSCa e UFRGS: um estudo comparado” no GT denominado “metodologia das ciências sociais”. Na área de atuação profissional, Neves declarou que em 1999, 2000 e 2003 ministrou a disciplina “metodologia de pesquisa avançada”.

Nesse currículo, no campo dedicado a produção bibliográfica, aparecem registradas as seguintes publicações: i) apresentação do dossiê titulado “metodologias de pesquisa”, publicado pela revista cadernos de sociologia em 1991; ii) apresentação do livro “pesquisa social e empírica: métodos e técnicas”, publicado pela editora da UFRGS em 1998, e iii) apresentação da coletânea “métodos de pesquisa social e indicadores sociais”, publicada também pela editora da UFRGS, em 2002. Se infere que a comunicação apresentada na reunião anual de ANPOCS, em 1986, não se tornou uma publicação científica. Esse aspecto remete à contribuição de Dinah Población, Daisy Noronha e Emilia Currás (1996) sobre “literatura cinzenta”, expressão que refere, dentre outros aspectos, diferenças na observância dos critérios de cientificidade.

É tímida a porcentagem de comunicações, apresentadas nas reuniões de ANPOSC, que aparecem nesses currículos como artigos científicos publicados. Exemplifica essa tendência a comunicação de Denise Pirani apresentada em 2001, publicada em 1999, na revista cadernos

¹⁰ “A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações”. Fonte: lattes.cnpq.br Acesso em 26/08/2018 às 13:21

de ciências sociais em Belo Horizonte, com título similar ao citado nos anais em estudo, “do campo ao texto, do objeto ao sujeito”. Essa constatação abre a reflexão para os impactos diferenciados do produtivismo acadêmico nas trajetórias femininas. Sabemos que as mulheres trabalhadoras somos compelidas a ‘harmonizar’ as exigências profissionais com as demandas por cuidados dos nossos núcleos familiares/afetivos.

Mulheres em funções de coordenação nos espaços de debate sobre metodologia

Concordando que, no campo acadêmico, a disputa por capital científico alcança as associações científicas que promovem o encontro, debate e circulação de conhecimento (BOURDIEU, 1976), buscamos evidenciar a assimetria de oportunidades para ocupar cargos de coordenação de GT, sessões dentro de GT, mesas redondas, fóruns, conferências e sessões especiais nas reuniões anuais promovidas por ANPOCS. A estratégia analítica consistiu em identificar a totalidade de instâncias que demandaram a função de coordenação para seguidamente contrastar o número de cargos ocupados por mulheres e aqueles ocupados por homens. Esse questionamento surgiu atrelado à constatação da hegemonia masculina na autoria das comunicações apresentadas, vide gráfico 1.

Identificamos 17 instâncias, dedicadas ao debate sobre metodologia, que exigiram a função de coordenação, totalizando 24 pessoas exercendo-a já que em alguns casos houve mais de uma pessoa envolvida. O quadro 8 apresenta a síntese dos dados sobre o desempenho feminino na função de coordenação, um total de sete mulheres, equivalente a 29% da totalidade de pessoas envolvidas em atividades de coordenação. Apesar da diversidade das atividades coordenadas por mulheres, quatro GT, dois seminários temáticos e uma mesa redonda, se constata a supremacia masculina, equivalente a 71%. Salienta-se que os GT configuram uma das instâncias com maior prestígio nos eventos acadêmicos, por isso não deve passar despercebido o fato de a coordenação feminina nesses casos ter sido ‘compartilhada’ com homens. Em 2015, Clarissa Eckert Baeta Neves (UFRGS) assumiu a coordenação do GT “novas configurações do ensino superior na sociedade contemporânea” juntamente com Carlos Benedito Martin (UnB). No mesmo ano, Gabriela Nunes Ferreira (UNIFESP) compartilhou a coordenação do GT “pensamento social no Brasil” com Antônio Herculano Lopes (FCRB).

Quadro 8. Funções de coordenação ocupadas por mulheres: 1977-2016.

Ano	Nome	Modalidade	Título da atividade
1989	Zélia Brito Demartini		Educação e Sociedade. 3ª Sessão: questões metodológicas.
1992	Arabela Ollven		Educação e Sociedade. 1ª Sessão: questões teórico-metodológicas sobre educação e sociedade. A contribuição das Ciências Sociais.
2001	Neuma Aguiar	Seminário temático	A contribuição dos métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade social no Brasil.
2004	Maria Suely Kofes		A constituição de fronteiras nas ciências sociais: tensão e extensão no campo metodológico.
2015	Clarissa Baeta Neves	Grupo de trabalho	Novas configurações do ensino superior na sociedade contemporânea.
	Gabriela Ferreira		Pensamento social no Brasil.
2016	Felícia Silva Picanço	Mesa redonda	Estudos sobre família e trabalho em contextos desiguais: desafios metodológicos.

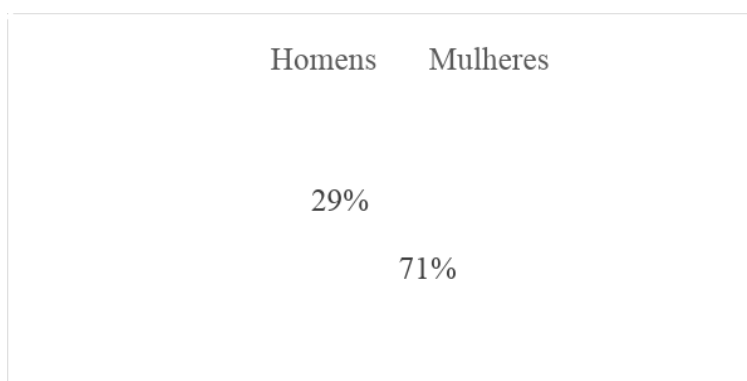
Em 1989, Zélia Brito Fabri Demartini (Fundação Carlos Chagas da UNICAMP), coordenou a sessão titulada “questões metodológicas” e em 1992, Arabela Campos Ollven (UFRGS), a sessão “questões teórico-metodológicas” ambas no âmbito do GT “Educação e Sociedade”. Em 2001, Neuma Aguiar (UFMG), compartilhou a coordenadoria do seminário temático titulado “a contribuição dos métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade social no Brasil, com Archibald Haller (UFMG). Em 2004, Maria Suely Kofes (UNICAMP), Mário Antônio Eufrásio (USP) e Jordão Horta Nunes (UFG) coordenaram o seminário “constituição de fronteiras nas ciências sociais: tensão e extensão no campo metodológico”.

A mulher que mais recentemente assumiu a função de coordenadoria, de um espaço voltado ao debate sobre metodologia nas reuniões anuais de ANPOCS, foi Felícia Silva Picanço (UFRJ), na oportunidade da mesa redonda intitulada “estudos sobre família e trabalho em contextos desiguais: desafios metodológicos”, no ano de 2016. Aceitando-se a existência de disputas e concorrência pelas funções acadêmicas de maior escalão, dado o prestígio e a eficácia para a progressividade na carreira (SANTOS, 2010), cabe questionarmos se a ascensão feminina aos espaços de coordenação estaria correlacionada à ausência de interesse masculino

Se retemos a atenção na temática das atividades coordenadas por mulheres entrevemos peculiaridades que denotam a reprodução, no campo acadêmico, de estigmas sexistas na divisão do trabalho. Observe-se que os espaços coordenados por mulheres se dedicaram a

temáticas onde a participação feminina é tradicionalmente maior: estudos sobre educação, família e violência conjugal. Essa inferência diz respeito a estereótipos sobre o lugar das mulheres na produção de conhecimento social, neste caso, indicando uma clara demarcação para temas e objetos atrelados as teorias de gênero.

Gráfico 3: Proporção homens e mulheres em funções de coordenadoria: 1977 a 2016.



O contraste das porcentagens, 29% feminina diante de 71% masculina, evidencia a assimetria de gênero na função de coordenadoria. A visibilidade da tímida presença feminina na coordenação desses espaços, para além de legitimar a luta pela equidade, busca desnaturalizar essas práticas acadêmicas cotidianas. Principalmente porque a legitimação das ciências sociais contemporâneas, no ‘sul global’, especialmente, implica o reconhecimento do débito social e da qualidade política do conhecimento. Ambos remetem à legitimidade das demandas de mulheres, LGBTI, negros, indígenas, dentre outros sujeitos epistêmicos subalternizados e injustiçados, dentro e fora, do campo acadêmico.

Conclusão.

A partir da análise dos anais das reuniões anuais de ANPOCS, realizadas entre 1977 e 2016, se conclui que o debate sobre metodologia teve duas tendências claramente demarcadas, assim: i) década de 1980, caracterizada pela realização de três GT específicos sobre metodologia, nos anos de 1982, 1986 e 1989; ii) décadas dos anos 90 e 2000, a reflexão metodologia se transversalisou em sessões específicas de alguns grupos de trabalho, mesas redondas e seminários temáticos. Essa transversalidade ecoa a compreensão atual, relativamente consensual, de que a reflexão metodologia não se dissocia dos métodos nem se faz em abstrato.

A análise mostrou que, na década de 1980, 24 autores de 22 comunicações apresentadas, dinamizaram os debates sobre metodologia, desse total dez foram mulheres.

Nas décadas de 1990 e 2000, se apresentaram 70 comunicações que trataram dessa temática, 29 foram de autoria feminina. Esses sujeitos epistêmicos declararam, na maioria dos casos, vínculos institucionais com diversas universidades brasileiras e instituições estrangeiras, embora em menor proporção, Michigan e Conicet. Esse dado confirma o caráter nacional das reuniões promovidas por ANPOCS. De outro lado, apesar da supremacia da autoria masculina, as temáticas discutidas pelas mulheres - estudos sobre educação, família e violência conjugal – alertar para a correlação entre autoria feminina e a divisão sexual do trabalho científico.

A análise da proporcionalidade revela a assimetria tanto na autoria quanto na função de coordenação, contudo a representação feminina apesar do incremento tímido, não decresceu. Vale frisar a compreensão feminina de que a conquista destes espaços não é simplesmente um objetivo profissional, mas uma disputa política pela emancipação e equidade de gênero. Essa tomada de consciência reflete na consolidação de temáticas e agendas observadas nos anais estudados. Esses movimentos ratificaram a importância de apresentar nos programas de ensino, desde o início da trajetória formativa das novas gerações, a polifonia nesses embates.

A pesquisa permitiu observar a desproporção entre a autoria feminina e masculina nas comunicações apresentadas nos encontros anuais da ANPOCS. Essa relação assimétrica também foi evidenciada na função de coordenação, revelando que a assimetria de gênero perpassa várias dimensões do campo acadêmico. Os dados que indicaram uma aparente equidade foram interpretados à luz da “feminização” de algumas temáticas situações em que é sabido, o desinteresse masculino. Nesses casos, a presença das mulheres alcança maioria porque não existe competição masculina direta.

Referências

- AGUIAR, Neuma. Conjugação de técnicas. In. NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, pp. 125-151.
- BIROLI, Flávia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 34, p. 269-299, abr. 2016.
- BOURDIEU, P. Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 2/3, jun. 1976, p. 88-104.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49. 2016.
- KUHLMANN, Moysés. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. *Cadernos e Pesquisa*, v. 45, n. 158, p. 838-855, 2015.
- LIMA, Betina Stefanello; COSTA, Maria Conceição da. Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 48, e164805, 2016.

- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007.
- LOPES, Maria Margaret; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Apresentação. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 49, 2017.
- LOPES, M. I. V. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 27, p. 13-39, 2012.
- MADEIRA, Carlos. Conflitos ambientais: uma análise das perspectivas teórico-metodológicas que orientam a produção acadêmica brasileira no período de 1992 a 2012. Mestrado em Sociologia Universidade federal de Pelotas. 2014. 137 f.
- NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. Estudos Sociológicos sobre Infância no Brasil: crianças sem gênero? Doutorado em sociologia política. Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. 365 f.
- OLIVEIRA, Lílían; NICOLAU, Jairo. A produção da ciência política brasileira: uma análise dos artigos acadêmicos (1966-2013). Trabalho apresentado no 37º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindoia/SP, 23 a 27 de setembro de 2013.
- POBLACION, Dinah Aguiar; NORONHA, Daisy Pires; CURRÁS, Emília. Literatura cinzenta versus literatura branca: transição dos autores das comunicações dos eventos para produtos de artigos. *Ciência da Informação*, [S.l.], v. 25, n. 2, 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. *Textos*, Série 2, n. 3, 1999. pp. 13-24.
- RUANO, Elizabeth; SANTOS, Alan. O ensino de metodologia das ciências sociais: motivações e desempenho discente. Trabalho apresentado no 7º CIAIQ, realizado em Fortaleza, 2018.
- SANTOS, Tania. Ciência e gênero na universidade: considerações sobre a interferência da esfera privada e equidade. *Revista da ANPG: Ciência, Tecnologia e Políticas Educacionais*, v. 2, p. 22-34, 2010.
- SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret; VELHO, Lea Maria Leme Strini. Práticas e disputas em torno do patrimônio científico-cultural: Bertha Lutz no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 311-327, 2008.
- SOUSA, Karina Almeida de. Raça, identidade e cidadania: uma análise dos trabalhos apresentados na ANPOCS e na ANPED (1988-2003). Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: Universidade Federal de São Carlos. 2012. 117 f.
- TROTTMANN, Paula. A produção científica em políticas públicas no Brasil: uma análise sob a ótica de redes sociais. Mestrado em Modelagem de Sistemas Complexos Universidade de São Paulo: EACH-USP. 2012. 219 f.
- WALLERSTEIN, Immanuel. A construção histórica das ciências sociais do século XVIII até 1945. In: *Para abrir as ciências Sociais*. São Paulo: Cortez. 1996, PP. 15-54.
- Outras referências**
- ANPOCS. Sobre ANPOCS. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/universo/institucional/sobre-a-anpocs>, acesso em 13.10.2017. s/d_a.
- ANPOCS. Encontros Anuais em Números Disponível em <http://anpocs.com/index.php/encontros/encontros-anuais-em-numeros>, acesso em 15.11.2017. s/d_b.
- ANPOCS. Encontros Anteriores. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/encontros-antteriores>; acesso em 26/10/2017. s/d.
- ANPOCS. Livro dos nomes da ANPOCS. 1977 – 2016. São Paulo: ANPOCS, 2016, 466 p.